



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE ESTUDOS COSTEIROS
FACULDADE DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS**


ELIZEU FERREIRA ASSIS

Covid-19 e os pescadores artesanais das Resex marinhas paraenses: impactos e enfrentamentos à pandemia

**BRAGANÇA-PA
2026**

ELIZEU FERREIRA ASSIS


**Covid-19 e os pescadores artesanais das Resex marinhas paraenses:
impactos e enfrentamentos à pandemia**

Documento assinado digitalmente
 ROBERTA SA LEITAO BARBOZA
Data: 28/02/2026 13:34:19-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientador(a): _____
Profa. Dra. Roberta Sá Leitão Barboza (IECOS/UFPA)

Documento assinado digitalmente
 KELLE DE NAZARE CUNHA
Data: 01/03/2026 19:59:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador(a) 1: _____
Dra. Kelle de Nazaré Cunha (PPBA/UFPA)

Documento assinado digitalmente
 TALITA ABI RIOS TIMMERMANN
Data: 28/02/2026 08:46:22-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador(a) 2: _____
Mestra Talita Abi Rios Timmermann (UFRGS)

ELIZEU FERREIRA ASSIS

Covid-19 e os pescadores artesanais das Resex marinhas paraenses: impactos e enfrentamentos à pandemia

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Ciências Biológicas, da Universidade Federal do Pará, Instituto de Estudos Costeiros, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Prof^ª: Roberta Sá Leitão Barboza

UFPA - *Campus* de Bragança

BRAGANÇA-PA

2026

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho foi possível graças ao apoio e incentivo de diversas pessoas e instituições, às quais expresso minha mais sincera gratidão. Agradeço primeiramente a minha família pelo apoio financeiro, emocional, nos momentos difíceis e pela motivação constante para seguir adiante. Sem vocês, este percurso seria muito mais desafiador.

A minha orientadora, Roberta Sá Leitão Barboza, por sua dedicação, paciência e valiosas contribuições, que foram fundamentais para o desenvolvimento deste estudo. Sua orientação e conhecimento foram essenciais para a concretização deste trabalho.

À Universidade Federal do Pará (UFPA) e ao Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão Pesqueira junto a Comunidades Tradicionais Amazônicas (LABPEXCA-UFPA Bragança), pela oportunidade de desenvolvimento acadêmico e pelo suporte técnico e científico.

Aos pescadores artesanais dos municípios de Bragança, Augusto Corrêa e Tracuateua, que gentilmente compartilharam suas experiências, conhecimentos e desafios enfrentados durante a pandemia da covid-19. Suas histórias foram a essência deste estudo e reforçam a importância da valorização do setor pesqueiro artesanal.

Ao CNPq e à PROPESP-UFPA, pelo apoio financeiro por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), viabilizando a realização desta pesquisa.

Aos colegas e amigos, que, direta ou indiretamente, contribuíram com palavras de incentivo e apoio emocional ao longo desta caminhada acadêmica.

Por fim, a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para que este estudo fosse concluído, meu mais sincero agradecimento.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	iii
LISTA DE TABELAS	iv
RESUMO	5
1. INTRODUÇÃO	6
2. METODOLOGIA	7
2.1. Área de Estudo	7
2.2. Princípios Éticos	10
2.3. Coleta e análise dos dados	10
3. RESULTADOS E DISCUSSÃO	11
3.1. Perfil dos entrevistados	11
3.2. Impactos da covid-19	13
3.3. Impactos da pandemia no preço do pescado nas comunidades estudadas	16
3.4. Estratégias de enfrentamento a covid-19: movimento endógeno	19
3.5. Estratégias de enfrentamento a covid-19: ajuda externa	21
3.6. Impactos emocionais	23
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	28

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Localização dos municípios de Bragança e Augusto Corrêa	9
Figura 2. Município Tracuateua, Pará.	10
Figura 3. Número de entrevistados de acordo com a RESEX	12

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Falas dos entrevistados sobre os impactos da covid-19 nas comunidades pesqueiras	
13	
Tabela 2. Falas dos entrevistados sobre a diminuição do preço do pescado com a pandemia do covid-19	17
Tabela 3. Medidas de enfrentamentos realizadas pelas comunidades pesqueiras frente à pandemia da covid-19	20
Tabela 4. Tabela 4. Medidas de enfrentamentos à pandemia da covid-19 desenvolvidas por agentes externos à comunidades pesqueiras.	21
Tabela 5. Impactos emocionais enfrentados pelos pescadores e pescadoras artesanais durante a covid-19, nos anos de 2020, e 2021	23

RESUMO

O presente estudo tem como objetivo analisar os impactos da covid-19 entre pescadores artesanais do litoral do Pará, suas ações de enfrentamento à pandemia e as políticas públicas efetivadas pelos poderes públicos na pesca artesanal. O estudo foi desenvolvido dentro das Reservas Extrativistas Marinhas do estado do Pará: Araí Peroba (Augusto Corrêa), Caeté-Taperaçu (Bragança) e resex de Tracuteua (Tracuateua). Utilizamos uma abordagem quali-quantitativa a partir da realização de entrevistas com pescadores e pescadoras artesanais, nos anos de 2020 e 2021. As entrevistas foram orientadas por um formulário semi-estruturado com questões abertas abordando informações relacionadas às mudanças na vida e na atividade pesqueira dos respondentes devido à pandemia. Em relação aos principais resultados observados no estudo, destacaram-se os seguintes: diminuição da venda do pescado para terceiros, redução dos dias trabalhados, dificuldades de transportar o pescado até os centros urbanos. As estratégias de enfrentamento frente a pandemia estavam relacionadas ao uso de máscaras, barreiras sanitárias dentro das comunidades, grupos de vendas online de pescado nas redes sociais, auxílio emergencial liberado pelo Estado e contribuições de cestas básicas de alimentos por organizações não governamentais. Com base nas informações encontradas sobre a pandemia da covid-19 na cadeia do pescado, sabe-se que os efeitos negativos são variados e ainda não estão totalmente resolvidos.

Palavras- chave: covid-19, pescadores artesanais, impactos, enfrentamento.

1. INTRODUÇÃO

A pesca, uma das atividades extrativas mais importante do Brasil, com destaque para a pesca artesanal, exerce um papel importante na redução da pobreza, segurança alimentar, manutenção da socioeconomia e dos serviços culturais e ecossistêmicos (Funge-Smith & Bennett, 2019; Begossi, 2010).

A expansão rápida e avassaladora da covid-19 na China (Wang et al 2020) logo se espalhou pelo mundo na forma de pandemia (Who, 2020), com amplos efeitos sociais e econômicos (Nathan et al., 2020), principalmente em países em desenvolvimento, trazendo crises sanitárias e econômicas, levando a um aumento da incidência da pobreza e da crise alimentar, especialmente na agricultura e na pesca (Sumner et al., 2020).

No Brasil, a produção de pescado é derivada de três segmentos de atividade: a pesca artesanal, industrial e a aquicultura. Estima-se que em duas décadas, a produção de pescado no país cresceu a uma taxa média de 2,5% ao ano, passando de 0,8 milhão de toneladas em 2000 para 1,4 milhão de toneladas em 2021. Apesar de a pesca artesanal ainda possuir maior peso na atividade pesqueira do país (53,9%), os indicadores mostram que o pescado cultivado será mais expressivo que o de captura em alguns anos, de acordo com a Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO, 2020).

A pesca artesanal é desenvolvida em praticamente todo o território brasileiro, possuindo numerosas e complexas especificidades, considerando, fatores socioeconômicos, políticos, institucionais e ambientais. Mais de um milhão de pescadores artesanais são registrados no Brasil, com responsabilidade pela segurança alimentar e abastecimento de pescado no país (Almeida et al., 2021). Estima-se que aproximadamente 90% de todas as pessoas que dependem diretamente da pesca extrativista no Brasil trabalham no setor de pequena escala (FAO, 2017, p. 3).

No Brasil, as comunidades pesqueiras artesanais são grupos sociais em situação de alta vulnerabilidade, devido principalmente à baixa infraestrutura disponível, como o acesso aos serviços básicos de saúde, educação e saneamento, com destaque às comunidades das regiões norte e nordeste. A crise sanitária gerada pela pandemia afetou quase todos os aspectos da vida dos pescadores artesanais e suas famílias (Bennett et al., 2020; Demirci et al., 2020; Macusi et al., 2022). Com a crise gerada pela pandemia, os efeitos sociais e econômicos foram significativamente danosos a esse público (Prysthon et al., 2023). De forma geral, o preço do pescado caiu devido às restrições que dificultaram a atividade pesqueira e as barreiras sanitárias geográficas (Hidayati et al., 2021).

O Pará é o segundo maior produtor nacional de pescado (RAINHA, 2014). As estatísticas referentes ao ano de 2010 indicam que o estado foi responsável por 47,02% da produção da Região Norte e 10,32% da produção nacional (MPA, 2012), sendo a atividade derivada de três segmentos: a pesca artesanal, a pesca industrial e a aquicultura, sendo a pesca artesanal realizada em praticamente todos os municípios do estado do Pará e correspondendo a 84,23% da produção. Esse volume de produção movimentava a economia local e garante trabalho e renda para uma parcela significativa do seu contingente populacional, envolvendo estaleiros navais, estabelecimentos processadores de pescado, fábricas de gelo, lojas de material de pesca e espaços de comercialização dos produtos, além de indiretamente postos de combustível, estabelecimentos comerciais de gêneros alimentícios, oficinas, tornearias mecânicas, entre outros. Esta é uma das atividades econômicas mais tradicionais do estado e que desempenha um importante papel socioeconômico na oferta de alimentos, ocupação de mão de obra e geração de renda. Além disso, também é dotada de significado simbólico, alicerçando a vida material e imaterial das populações envolvidas (Zimmer & Lima 2021:10)

Nos municípios de Bragança, Augusto Corrêa e Tracuateua, no Pará, a pesca ocorre com fins de autoconsumo e comercialização, baseada principalmente na pesca de peixes costeiros e estuarinos, com destaque para o pargo (*Lutjanus purpureus*; Poey, 1876), corvina (*Cynoscion virescens*, Cuvier, 1830), pescada amarela (*Cynoscion acoupa*, Lac Epede, 1801), Bagre (*Sciades herzbergii*, Bloch, 1794) . Entre os crustáceos, o caranguejo-uçá (*Ucides cordatus*, Linnaeus 1763) e o camarão branco (*Litopenaeus schmitti*, Burkenroad, 1936), são as espécies que assumem papel de destaque.

Os números de casos de covid-19 no Estado do Pará ultrapassaram 800 mil casos confirmados, e 19.259 números de óbitos, de acordo com os dados de painel de coronavírus do Brasil (<https://covid.saude.gov.br/>) . Considerando os aspectos abordados acima, bem como a tendência de efeitos mais acentuados da pandemia de covid-19 entre grupos vulneráveis, esta pesquisa teve como objetivo compreender como os pescadores artesanais desses três municípios foram impactados pela doença ao longo do tempo.

2. JUSTIFICATIVA

A presente pesquisa justifica-se pela relevância socioeconômica, cultural e ambiental da pesca artesanal nos municípios de Bragança, Augusto Corrêa e Tracuateua, no estado do Pará, onde essa atividade constitui uma das principais bases de subsistência, geração de renda e reprodução social das comunidades tradicionais. Além de seu papel econômico, a pesca artesanal está intrinsecamente associada a conhecimentos tradicionais, práticas culturais e

formas de manejo dos recursos naturais que contribuem para a sustentabilidade socioambiental desses territórios.

No contexto da pandemia de covid-19, as comunidades pesqueiras foram profundamente afetadas, evidenciando vulnerabilidades estruturais historicamente presentes, como a precariedade no acesso a políticas públicas, a informalidade do trabalho e a dependência de cadeias produtivas sensíveis a crises. As medidas de restrição de mobilidade e isolamento social impactaram diretamente a produção, o escoamento e a comercialização do pescado, comprometendo a segurança alimentar e a renda das famílias, ao mesmo tempo em que intensificaram desigualdades sociais já existentes.

Apesar da importância dessas populações, nota-se a persistência de lacunas científicas no que se refere à compreensão dos impactos de crises sanitárias em comunidades pesqueiras artesanais, especialmente na região amazônica. Grande parte dos estudos sobre a pandemia concentrou-se em contextos urbanos, deixando em segundo plano as especificidades das populações tradicionais, o que contribuiu para a invisibilidade social desses grupos no âmbito acadêmico e institucional. Essa invisibilidade reflete-se, por sua vez, na limitada incorporação de suas demandas e realidades na formulação de políticas públicas.

Nesse sentido, destaca-se a necessidade de investigações que abordem não apenas os impactos socioeconômicos, mas também os aspectos emocionais e as estratégias de enfrentamento desenvolvidas por essas comunidades, incluindo ações autônomas e iniciativas governamentais. A análise dessas estratégias permite compreender os processos de adaptação, resistência e resiliência frente a contextos de crise, contribuindo para o fortalecimento das comunidades e para a construção de respostas mais adequadas às suas realidades.

Adicionalmente, a pesquisa assume relevância ao considerar o contexto das Reservas Extrativistas unidades de conservação de uso sustentável que desempenham papel fundamental na proteção dos modos de vida tradicionais e na conservação dos recursos naturais. As resexs configuram-se como espaços estratégicos para a garantia de direitos territoriais e para a promoção de práticas sustentáveis; entretanto, também enfrentam desafios relacionados à implementação de políticas públicas, especialmente em situações de crise, como a pandemia de covid-19.

Dessa forma, a realização deste estudo contribuiu para o preenchimento de lacunas científicas, ao ampliar o conhecimento sobre os impactos da pandemia em comunidades

pesqueiras artesanais amazônicas, bem como para a visibilização dessas populações no debate acadêmico e nas agendas públicas. Ademais, os resultados poderão subsidiar a formulação e o aprimoramento de políticas públicas mais inclusivas e eficazes, considerando as especificidades socioculturais, econômicas e territoriais dessas comunidades, com vistas à promoção da justiça social, da sustentabilidade e da valorização da pesca artesanal no Pará.

3. OBJETIVO GERAL

Compreender os impactos da pandemia de covid-19 nas dimensões socioeconômica e emocional da vida de pescadores e pescadoras artesanais, bem como na dinâmica da cadeia produtiva do pescado, considerando as estratégias de enfrentamento adotadas em comunidades pesqueiras.

3.1. *Objetivos Específicos*

- Analisar os impactos socioeconômicos decorrentes da pandemia de covid-19 na atividade da pesca artesanal e na cadeia produtiva do pescado nos municípios de Augusto Corrêa, Bragança e Tracuateua no Pará
- Investigar as estratégias de enfrentamento à covid-19, tanto governamentais quanto autônomas, implementadas nas comunidades pesqueiras.
- Examinar os impactos emocionais vivenciados por pescadores e pescadoras das reservas extrativistas durante o período da pandemia.

3. METODOLOGIA

3.1. *Área De Estudo*

O Pará é um dos setes estados que compõem a região Amazônica brasileira, ocupa um lugar de destaque no que se refere ao panorama de resex marinhas localizadas ao longo do litoral brasileiro. Atualmente existem 14 resex marinhas decretadas que abrangem uma área de mais de 300 mil hectares do litoral do estado do Pará (ICMBIO, 2024).

Entre as áreas Marinhas extrativistas do Pará, estão as resex Marinhas Araí Peroba, Caeté Taperaçu, Tracuateua nos municípios do Pará, (Augusto Corrêa, Bragança e Tracuateua, Respectivamente) todas criadas no ano de 2005 a partir do Sistema Nacional de Unidades de

Conservação (SNUC) – Lei nº 9.985/2000. As pressões nacionais e externas decorrentes do assassinato do líder sindical Chico Mendes em 22 de dezembro de 1988 favoreceram a criação das Resex como sendo a grande alternativa ambiental brasileira (Freitas et al., 2017).

Tais Resex (s) estão situadas na região bragantina, formada pelos municípios Tracuateua, Bonito, Augusto Corrêa, Bragança, Capanema, Igarapé-Açu, Nova Timboteua, Peixe-Boi, Primavera, Quatipuru, Santa Maria do Pará, Santarém Novo e São Francisco do Pará (Almeida & Silva, 1998: 345-360). A região bragantina é parte integrante da planície flúvio marinha do litoral do Estado do Pará, caracterizada pela presença de rios, manguezais e planaltos rebaixados (Barbosa & Pinto, 1973).

O município de Bragança se estende por 2.124,734 km², tendo cerca de 123.082 habitantes que vivem basicamente da agricultura, da pesca e do extrativismo (IBGE 2022). Esse município destaca-se como um dos principais entrepostos de pesca do estado do Pará (Bentes et al, 2012) e recebe capturas de embarcações das frotas artesanais e industriais que atuam na região. Além disso, possui um complexo de comunidades que vivem da atividade pesqueira, representando fortemente a importância da pesca no estuário amazônico (Krause & Glaser 2003: 145-160).

A cidade de Augusto Corrêa está localizada na região nordeste paraense, às margens do rio Urumajó (CPRM, 1998), sendo esta área detentora de uma grande quantidade de tributários, pequenos lagos, ilhas costeiras e tem na pesca artesanal como uma das bases fundamentais para funcionamento da economia municipal (Almeida & Silva 1998). A maioria dos pescadores artesanais pertencem a colônia Z-18, a 224 km de Belém, sendo um dos principais pólos de desembarque pesqueiro na região nordeste e costeira do estado do Pará, principalmente no desembarque de lagostas (Santos et al 2019: 345-360).

Por fim, Tracuateua está localizada na mesorregião Nordeste do Pará, e integra a microrregião bragantina que ocupa uma área de 936,1 km². O município teve sua origem com a construção da rodovia Belém Bragança por volta de 1908. Suas áreas ambientais abriga formações como: praias, dunas, restingas, manguezais e campos naturais, este último, constituindo-se como espaços de grande relevância ambiental e de grande atrativo visual.

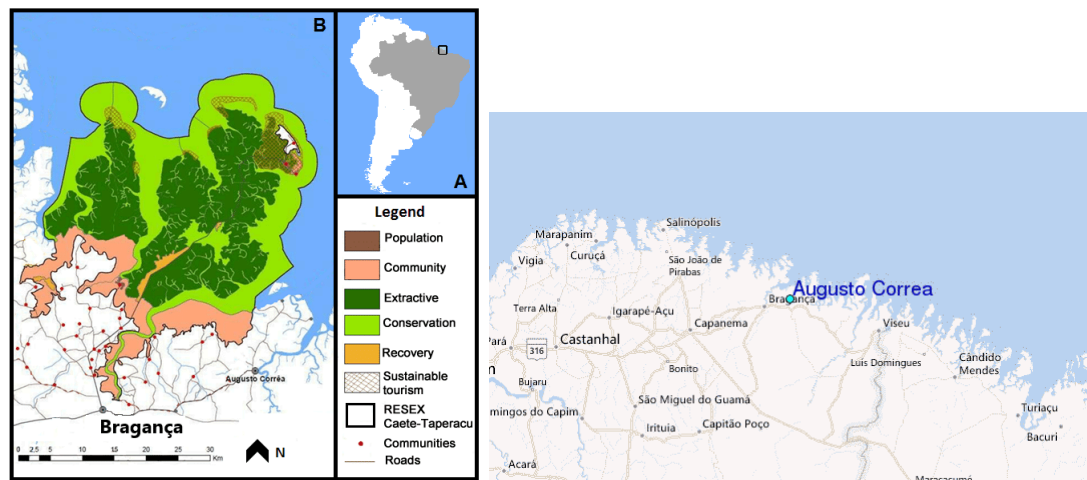


Figura 1. Localização dos municípios de Bragança e Augusto Corrêa no nordeste do estado do Pará, na Região Norte do Brasil, próximos ao litoral do Oceano Atlântico.

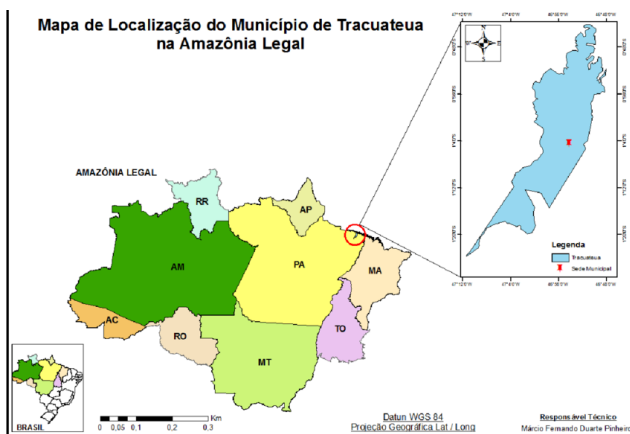


Figura 2. Posição do município de Tracuateua, no estado do Pará, Brasil.

2.2. Princípios Éticos

A presente pesquisa foi submetida ao Sistema de Autorização e Informação em Biodiversidade do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (Sisbio/ICMBio) por envolver unidades de conservação federais (Autorização nº 77446-1). O direito de propriedade intelectual dos entrevistados foi resguardado através da leitura do “Termo de Consentimento Livre e Esclarecido”, onde os objetivos da pesquisa foram explicados para que os pescadores e líderes locais autorizassem as entrevistas e o uso das informações compartilhadas.

2.3. Coleta e análise dos dados

Trata-se de uma pesquisa de abordagem quali-quantitativa, realizada nos municípios de Augusto Corrêa, Bragança e Tracuateua, situados no litoral do estado do Pará, nos anos de 2020 e 2021. Nesse contexto, o estudo foi desenvolvido por meio da aplicação de entrevistas aleatórias com pescadores e pescadoras, as quais foram devidamente registradas em formato de áudio, mediante o consentimento prévio dos participantes.

Ademais, as entrevistas foram conduzidas de forma semiestruturada, conforme os pressupostos metodológicos apresentados por Boni e Quaresma (2005), o que possibilitou não apenas a obtenção de informações direcionadas ao objeto de estudo, mas também a livre expressão dos participantes acerca das temáticas abordadas. Dessa maneira, buscou-se conciliar a sistematização das informações com a valorização das experiências e percepções dos sujeitos envolvidos na pesquisa.

Entretanto, em virtude do contexto epidêmico vivenciado no Brasil durante o período de realização do estudo, as entrevistas foram realizadas exclusivamente por meio de ligações telefônicas ou via aplicativo WhatsApp, a fim de garantir a segurança dos participantes e dos pesquisadores, bem como a continuidade da investigação científica. Além disso, a coleta de dados foi realizada junto a pescadores artesanais e lideranças locais pertencentes a diferentes comunidades pesqueiras, a saber: Vila do Perimirim, localizada no município de Augusto Corrêa; Vila dos Pescadores, Vila do Bonifácio, Vila do Treme e Vila do Castelo, situadas no município de Bragança; e, por fim, a comunidade Nanã, localizada no município de Tracuateua. Assim, a abrangência territorial da pesquisa permitiu a obtenção de dados diversificados, contribuindo para uma análise mais ampla e consistente da realidade estudada.

Pelo fato de eu ser morador da Vila do Bonifácio, localizada ao lado da Vila dos pescadores, consegui conversar com um número maior de pessoas nessas comunidades, pois facilitou o contato e a confiança com os entrevistados. Dessa forma, obtive acesso a um número maior de informações e opiniões que ajudaram a compreender melhor as necessidades e os desafios enfrentados com a chegada da covid-19 pelos pescadores artesanais. Nas demais localidades os participantes foram receptivos; ora espontâneos, outros momentos cautelosos, a depender do tema explorado pelo roteiro.

Após a coleta dos dados, realizei a transcrição das entrevistas. A transcrição do material oral foi realizada com o auxílio de três ferramentas digitais: Google Tradutor, Luzia e Microsoft Word. O Google Tradutor foi utilizado por sua funcionalidade de entrada por voz, que permite a conversão direta da fala em texto, sendo útil especialmente para registros

rápidos e dinâmicos. A assistente Luzia, integrada a aplicativos de mensagens como o WhatsApp, contribuiu com a transcrição automática de áudios enviados em conversas, demonstrando praticidade no uso em dispositivos móveis. Já o Microsoft Word serviu como plataforma principal para a organização textual, revisão ortográfica e estruturação final do conteúdo transcrito. A integração dessas três ferramentas proporcionou um processo de transcrição mais acessível, econômico e adaptado às necessidades da pesquisa. Google Tradutor, Wold especializado e transcrições manuais. Durante este processo, os áudios foram escutados várias vezes para garantir que todas as falas fossem transcritas corretamente, incluindo as pausas e ênfases significativas dos participantes. As transcrições foram organizadas e formatadas de maneira padronizada, com identificação clara dos entrevistados, por exemplo, visando preservar o anonimato dos pescadores quando necessário.

Em seguida, os dados foram organizados no Microsoft Excel, criando-se planilhas específicas para cada tipo de atividade de entrevistado: pescador(a) ou mestre de embarcação. As planilhas foram preparadas para permitir a fácil análise dos dados quantitativos, com a utilização de tabelas dinâmicas e gráficos.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1. Perfil dos entrevistados

A pesquisa contemplou um total de 28 pescadores entrevistados nas comunidades estudadas, sendo a maioria trabalhadores autônomos que dependem da pesca artesanal no estado do Pará, durante os anos de 2020 e 2021, período este marcado pela pandemia da Covid-19, abrangendo diferentes comunidades pesqueiras artesanais.

Inicialmente, no que concerne à resex Marinha Caeté-Taperaçu, localizada no município de Bragança, observa-se a realização de 20 entrevistas, configurando o maior quantitativo entre as áreas investigadas. Dentre essas, 10 entrevistas foram conduzidas na Vila dos Pescadores, enquanto 08 ocorreram na Vila do Bonifácio. Além disso, registou-se 01 entrevista na Vila do Treme e 01 na Vila do Castelo, evidenciando, assim, uma maior concentração amostral nas duas primeiras localidades. Em contrapartida, no município de Augusto Corrêa, verificou-se a realização de 04 entrevistas, distribuídas de forma equilibrada entre as localidades pesquisadas, sendo 02 na comunidade de Perimirim e 02 na praia do Aturiaí. Tal distribuição indica uma participação homogênea dos entrevistados nesse contexto territorial.

Por outro lado, no município de Tracuateua, também foram realizadas 04 entrevistas. Destas, 03 ocorreram na comunidade de Nanã, ao passo que 01 foi realizada na praia de Quatipuru, o que revela uma maior representatividade da comunidade de Nanã no conjunto de dados coletados. Diante desse panorama, constata-se que a maior parte das entrevistas concentrou-se no município de Bragança, especialmente na Resex Marinha Caeté-Taperaçu.

No que se refere à faixa etária dos entrevistados, identificou-se uma variação entre 20 e 77 anos de idade dos entrevistados, evidenciando portanto a participação de diferentes gerações no exercício da pesca artesanal. Ademais, verificou-se uma média de 21 anos de atuação na atividade pesqueira, o que indica um significativo acúmulo de experiência por parte dos participantes. Em relação ao perfil de gênero, constatou-se a predominância do sexo masculino, correspondendo a 25 entrevistados, enquanto 3 participantes pertencem ao sexo feminino. Tal distribuição evidencia a maior inserção masculina na atividade, embora também se reconheça a participação feminina no contexto da pesca artesanal.

Além disso, destaca-se a expressiva presença de pescadores que iniciaram suas atividades ainda na juventude, o que revela a importância dos processos de transmissão de saberes tradicionais. Nesse sentido, a aprendizagem da pesca ocorre, em grande medida, no âmbito familiar, sendo transmitida entre gerações, o que contribui para a continuidade das práticas culturais e produtivas associadas à pesca artesanal.

Ao analisar o perfil dos entrevistados com base na profissão, analisou-se que dos 28 pescadores entrevistados, 15 se declaram como somente pescadores, 9 sendo pescadores e mestres de embarcações, 3 como pescadoras, enquanto que 1 dos entrevistados mencionou ser líder comunitário de sua comunidade. Assim, verificamos que todos estão associados à atividade pesqueira (pescadores, pescadoras, mestres de barco e um representante da colônia dos pescadores).

Em consonância com os dados da pesquisa, notou-se que 92,86% dos entrevistados utilizam a rede como principal apetrecho de pesca, enquanto que 7,14%, utilizam a pesca de curral como outra forma de pescaria. As principais embarcações utilizadas são: barco motorizado com 53,57%, rabeta motorizada com 35,71% e a canoa à remo com 10,71%. Dentro desse contexto, os entrevistados têm na atividade pesqueira a sua principal fonte de renda, mesmo que em períodos sazonais pratiquem outras atividades como a construção civil e a agricultura. As atividades adicionais à pesca são importantes, pois contribuem para a geração de renda complementar para as famílias. Por outro lado, os pescadores enfrentam

desafios como a sazonalidade da pesca, mudanças climáticas, impacto ambiental e restrições legais. Diante das dificuldades citadas, muitos pescadores complementam suas rendas com outras atividades, como agricultura de subsistência ou trabalhos informais. Apesar das dificuldades, a pesca continua sendo uma atividade essencial para a economia e identidade cultural das comunidades.

Baseado nas falas dos pescadores, verificou-se que 50% dos entrevistados possuem Registro Geral de Pescador, e são membros da Colônia dos Pescadores dos municípios de Augusto Corrêa (Z-18), Bragança (Z-17), e Tracuateua (Z-82). Os pescadores apontam a importância de sua participação nas organizações, principalmente como garantia de acesso aos benefícios de seguridade social, como a aposentadoria.

Além de membros da Colônia de pescadores, participam da Associação dos Usuários da Reserva Extrativista Marinha Caeté-Taperaçu, Araí-Peroba, e de Tracuateua (ASSUREMAs). Segundo eles, a instituição apresenta a tarefa de mantê-los informados sobre a legislação pesqueira, seus direitos e deveres como pescadores da resex. Embora os entrevistados integrem tanto as Colônias de Pescadores quanto às Associações de Usuários das Reservas Extrativistas Marinhas

Nota-se que prática, as funções atribuídas a essas organizações nem sempre se concretizam de forma efetiva. De acordo com os relatos dos participantes, embora as ASSUREMAs tenha, em sua concepção, o papel de informar os pescadores acerca da legislação pesqueira, bem como de seus direitos e deveres enquanto usuários das resex essa atuação ocorre de maneira limitada ou, em alguns casos, inexistente. Nesse sentido, evidencia-se uma lacuna entre as atribuições institucionais dessas associações e sua efetiva atuação junto às comunidades pesqueiras.

3.2. Impactos da covid-19

Os dados apresentados a seguir descrevem os impactos socioculturais decorrentes da pandemia de Covid-19 nas comunidades pesqueiras artesanais situadas nas Reservas Extrativistas Marinhas do Caeté-Taperaçu, Araí-Peroba e Tracuateua, no estado do Pará. Nesse contexto, a análise contempla diferentes dimensões da realidade social dessas populações, considerando as particularidades territoriais e os modos de vida associados à pesca artesanal. Ademais, busca-se evidenciar de que forma a crise sanitária afetou as dinâmicas produtivas, as relações sociais e as práticas culturais das comunidades investigadas.

Tabela 1. Principais impactos socioculturais decorrentes da pandemia de Covid-19, segundo as falas dos pescadores artesanais das comunidades localizadas nas Reservas Extrativistas Marinhas do Caeté-Taperaçu, Araí-Peroba e Tracuateua, no estado do Pará..

Área de Estudo	Resultados encontrados na pesquisa
Resex Caeté-Taperaçu, Vila do Bonifácio,	“O que mudou é que a gente evita sair de casa toda hora quando sair a gente anda na rua, a gente já fica assim com medo de alguma pessoa ter e a gente não saber”
Resex- Caeté Taperaçu, Vila do Bonifácio	“mudou muito, bastante não só na minha vida, mas de muitas pessoas que vivem com medo”
Resex- Caeté Taperaçu, Vila do Bonifácio	“As pessoas tinham acesso direto e indiretamente à Bragança comprando alimento, só que é agora não é como era antes”
Resex Araí Peroba, comunidade de Perimirim	“Pelo menos a gente tá comendo agora mais é o peixe, por que diz que a carne tá dando um tal de trombose e ajuda na coisa do vírus né”
Resex de Tracuateua, comunidade Nãã	“Mudou, porque ficou mais caro. Aumentou demais o preço, aí na questão do preço do nosso produto caiu bastante e diminuiu também a produção, pelo período também, né, de safra, entre safras, essas coisas aí e tudo mais. Tudo isso prejudicou e mudou muito a questão da pesca nesse sentido”
Resex- Caeté Taperaçu, Vila dos Pescadores	“Mudou principalmente no preço, hoje só compra alimentação necessária, arroz, café, feijão e assim vai”
Resex- Caeté Taperaçu, Vila dos Pescadores	“O rapaz mudou tudo cara, mudou o sistema de viver, o hábito a preocupação o medo tudo”
Resex- Caeté Taperaçu, Vila do Bonifácio	“mudou bastante porque a gente não pode mais sair como a gente saia antes, e a gente trabalha mais é com assustado, às vezes a gente sente uma coisa a gente já fica amedrontado e aí o preço da mercadoria também ficou diferente”
Resex- Caeté Taperaçu, Vila do Bonifácio	“rapaz o que mudou mais foi minha pele que ficou mais branca, eu só vivia andando pro lado da beira, agora não fui mais, pra onde eu vou é com minha máscara porque eu to em risco de morte”
Resex- Caeté Taperaçu, Vila do Bonifácio	“eu não posso praticar esporte”
Resex- Caeté Taperaçu, Vila dos Pescadores	“Mudou um pouco a rotina dentro da nossa comunidade, como nos reunir na igreja, jogar futebol, viajar para Bragança, dentre outras”
Resex de Caeté-Taperaçu, Vila dos Pescadores	“Deixou a gente com medo né.. Até mesmo sem animo pra trabalhar, por que aquele incentivo do trabalho hoje em dia é muito preocupante, tanto com a gente como com os próprios companheiros”

Resex Caeté-Taperaçu, Vila dos pescadores	“Mudou bastante porque a gente não pode mais sair como a gente saia antes, e a gente trabalha mais é assustado, as vezes a gente sente uma coisa a gente já fica amedrontado e aí o preço da mercadoria também ficou diferente”
Resex- Araí Peroba, Vila do Perimirim	“tipo, mudou... Cuidado, tem que ter mais cuidado, porque se previne mais, é uma coisa bem difícil. Uma doença bem complicada” (Pescador 14. 2020)
Resex Araí-Peroba, Vila do Perimirim	“A gente fica preocupado de pegar a doença, a gente fica mais em casa, fica pedindo que ninguém pegue”
Resex- Caeté-Taperaçu, Vila do Bonifácio	“Tanto no modo geral como na pescaria também houve mudanças. A pescaria abalou um bocadinho, porque eu faço um trabalho também de guia de pesca. Aí com o corona, com a chegada do corona, aí já ficou meio restrito essa atividade. Então abalou muito, porque era uma parte da minha renda, era através disso. Aí foi, aí diminuiu muito. Diminuiu demais, atrapalhou um pouco na minha vida financeira essa questão. Eu não pude receber ninguém para fazer esse trabalho de conclusão da minha renda”
Resex- Caeté-Taperaçu, Vila do Bonifácio	“Mudou muita coisa, que a gente não pode nem sair de casa. Aí em Bragança eu só vou mesmo porque é o jeito quando eu vou lá receber. Mas o meu vidro de álcool em gel não sai da minha bolsa”
Resex de Tracuateua, Comunidade Nãã	“A vida está na mesma rotina, mas eu uso máscara para evitar contato”
Resex- Caeté Taperaçu, Vila do Castelo	“Olha, na minha vida pessoal, ela não mudou pra mim”
Resex- Caete Taperaçu, vila do Treme	“Eu acho que mudou muita coisa, né. A gente fica meio assustado por aí, mas até agora, graças a Deus, eu estou tudo bem, quero que Deus nos abençoe, Pelo impacto da doença, mas até agora estou satisfeito pelo que Deus está me dando, né? Força, coragem, saúde e a minha família também”

Os relatos apresentados acima descrevem as mudanças e impactos observados nas comunidades das resex durante os anos de 2020 e 2021, especialmente em relação à rotina sociocultural, e o hábito alimentar dos pescadores artesanais no nordeste paraense no contexto da pandemia de covid-19. A pesca artesanal não é apenas uma atividade econômica, mas também um pilar da identidade cultural das comunidades pesqueiras. Os depoimentos apresentados evidenciam que a pandemia afetou intrinsecamente os hábitos tradicionais desses pescadores, alterando modos sociais, formas de socialização e práticas culturais ligadas ao meio ambiente relacionado à pesca. Conforme as falas dos pescadores e pescadoras, as restrições para sair de casa e realizar atividades coletivas como reuniões religiosas e esportivas por medo de contágio limitaram as interações sociais e alteraram a forma de

trabalho. Essas necessidades de adaptações para evitar contágio, afetaram diretamente o ritmo de trabalho e a frequência de saídas para pescar.

A pesca artesanal está intrinsecamente ligada à vivência comunitária, o impedimento dessas atividades enfraquece laços sociais e diminui a troca de conhecimentos culturais entre gerações. O isolamento social imposto pela pandemia de covid-19 afetou significativamente as comunidades pesqueiras artesanais no Brasil. Mundialmente, as restrições na atividade pesqueira afetaram significativamente os pescadores e também afetaram a oferta e a demanda de pescado, incluindo distribuição, mão de obra e produção de pescado (Love et al., 2020; Belton et al., 2021).

Outro aspecto relevante foi a dificuldade no acesso a alimentos. Segundo Silva (2019), a insegurança alimentar é uma consequência direta da instabilidade econômica e das desigualdades estruturais que afetam comunidades rurais e tradicionais. A fala do pescador da comunidade Vila do Bonifácio (*As pessoas tinham acesso direto e indiretamente à Bragança comprando alimento, só que é agora não é como era antes*” Pescador, em 2020, evidencia essa mudança ao afirmar que o acesso à alimentação já não é como antes, Por causa da paralisação dos ônibus, os moradores deixaram de ir a Bragança para realizar suas compras, sinalizando um agravamento das condições de vida em decorrência das mudanças dos preços dos alimentos devido a covid-19.

Outra variável observada foi a substituição da carne pelo peixe na dieta alimentar, como relatado na comunidade do Perimirim, Resex Araí Peroba. Segundo Menezes (2021), fatores como a inflação dos alimentos, os mitos e percepções sobre a saúde pública e os impactos da pandemia podem alterar significativamente os hábitos alimentares das populações vulneráveis. A menção à trombose e ao vírus demonstra como os discursos populares influenciaram as escolhas alimentares das comunidades:

“Pelo menos a gente tá comendo agora mais é o peixe, por que diz que a carne tá dando um tal de trombose e ajuda na coisa do vírus né” (Pescador 4. 2020)

O impacto econômico na pesca é outro fator de destaque. A fala abaixo, de um pescador da comunidade Nãã, na Resex de Tracuateua, menciona o aumento dos preços dos insumos básicos e a queda do valor do pescado, além da diminuição da produção devido ao ciclo sazonal da pesca:

“Mudou, porque ficou mais caro. Aumentou demais o preço, aí na questão do preço do nosso produto caiu bastante e diminuiu também a produção, pelo período também, né, de safra, entre safras, essas coisas aí e tudo mais.

*Tudo isso prejudicou e mudou muito a questão da pesca nesse sentido”
(Pescador 5. 2021)*

Conforme indicado por Diegues (2008), às comunidades pesqueiras tradicionais dependem de uma economia cíclica e altamente influenciada por fatores ambientais e de mercado. Esse impacto reforça a fragilidade dessas populações frente às oscilações econômicas.

Por fim, a mudança nos padrões de consumo, destacada por um entrevistado da comunidade da Vila dos Pescadores “*Mudou um pouco a rotina dentro da nossa comunidade, como nos reunir na igreja, jogar futebol, viajar para Bragança, dentre outras*” Pescador 11. 2021”, reflete a priorização de itens básicos, como arroz, feijão e café.

Como mencionado por Sachs (2004), comunidades em situação de vulnerabilidade tendem a ajustar seus hábitos de consumo para garantir a sobrevivência, eliminando itens considerados supérfluos e focando na alimentação essencial. As comunidades pesqueiras artesanais, já em situação de vulnerabilidade, foram significativamente afetadas pela crise sanitária. A pandemia trouxe efeitos sociais e econômicos danosos, exacerbando a precariedade do setor pesqueiro de pequena escala e subsistência. A diminuição na procura por pescados oriundos da atividade pesqueira artesanal, aliada às medidas de afastamento social, amplificou os desafios enfrentados por esses trabalhadores (Amorim, 2020)

3.3. Impactos da pandemia no preço do pescado nas comunidades estudadas

Com base nas entrevistas realizadas, identificou-se que as comunidades pesqueiras estudadas foram significativamente afetadas pela redução dos preços do pescado durante o período da pandemia de Covid-19. Nesse contexto, os relatos dos participantes evidenciam que a diminuição da demanda e as restrições impostas pela crise sanitária contribuíram para a desvalorização dos produtos pesqueiros, impactando diretamente a renda dos pescadores artesanais. Dessa forma, os dados obtidos por meio dos depoimentos dos entrevistados encontram-se sistematizados na tabela a seguir, a qual reúne as principais percepções acerca das variações nos preços do pescado ao longo do período analisado

Tabela 2. Percepções dos entrevistados sobre a redução dos preços do pescado decorrente da pandemia de Covid-19 nos municípios de Augusto Corrêa, Bragança e Tracuateua (PA).

Nomes das comunidades	Principais mudanças relatadas pelos pescadores (as)
Vila do Bonifácio	“o preço da pescada tava quatoze,quinze agora com a pandemia ta treze esse valor”
Vila do Bonifácio	“a gó grauda ta vendo de sete,oito, a média é cinco,e a miuda é três”
Vila dos Pescadores	“a grude de primeira ta custando dois mil, a grude pop, mil e cem, a grude média 800, e a pequena 400 caiu uma faixa de 40% de preco devido a pandemia”
Vila dos Pescadores	“Até a pescaria passada tava pagando de 5 reais a gó,, antes tava sete, seis”
Vila do Bonifácio	“olha cara tava pagando pra nós 5,50 a miuda,e 10 a gó grande, agora diminuiu 50 centavos”
Vila do Bonifácio	“Teve uma mudança pequena sim, os marreteiros alegam que é por causa da paralisação”
Vila do Treme, 2020	“A gó era três, quatro, hoje a mais barata ta quatro aí vem seis, sete têm gó até de oito reais”
Praia do Quatipuru	“A gó salgada tava quatro a média, seis, a grauda. A gó fresca custa 3 reais, a média e a grauda cinco reais”
Perimirim	“Caiu, caiu, caiu o preço, tá mais baixo”
Aturiai	“Sim, ele baixou muito devido à pandemia, houve essa diminuição no valor agregado do pescado”
Comunidade Nãã	“Não mudou não”
Vila do Bonifácio	“vendiamos o camarão de 50, 60, agora ta 30 o quilo”
Vila do Bonifácio	“O preço do pescado era 7, Agora 8 ta mesma coisa”
Vila dos Pescadores	“O preço da gó estava 9, 8, diminuiu para 7, 5, aí aumentou para 8, para 9, está assim, o custo está igual”
Comunidade Nãã	“A gente está vendendo peixe de R\$ 10,00, R\$ 9,00, R\$ 8,00, R\$ 5,00, deu uma caída por causa da doença da covid-19”
Vila do Bonifácio	“Nós recebíamos antes mais barato, agora estamos recebendo mais caro.No que ficou mais barato ficou até 4 reais mais ou menos, 4,50,Hoje nós estamos recebendo 6,7, 8 reais”

A pandemia da covid-19 trouxe impactos significativos para diversas cadeias produtivas, incluindo a pesca artesanal. A mudança nos preços do pescado observada nos relatos dos pescadores das comunidades estudadas reflete um cenário de instabilidade

econômica, alterações na demanda e dificuldades de transportar o produto para centros urbanos e feiras livres, em tempo de covid-19.

De acordo com Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO 2021), a pandemia afetou a pesca globalmente, causando redução nas vendas devido ao fechamento de mercados, restaurantes e interrupções na cadeia de suprimentos. A queda no consumo impactou diretamente os preços, levando a uma desvalorização em diversas regiões do mundo. Esse efeito é evidente nos relatos coletados, onde vários pescadores apontaram uma redução significativa nos preços de espécies como gó, grude e camarão.

Béné (2020) destaca que os sistemas alimentares pesqueiros são particularmente vulneráveis a choques externos, como pandemias e crises econômicas. Isso ocorre porque muitos pescadores dependem de mercados informais e vendas diretas para sua subsistência. Quando há redução na demanda, o excesso de oferta local leva à queda dos preços, como relatado pelos pescadores da Vila do Bonifácio e Aturiai.

Os relatos indicam que em diversas comunidades os preços do pescado sofreram quedas expressivas. O pescador 01, da Vila do Bonifácio (2020), afirmou que o preço da pescada caiu de quinze, para quatorze, e depois para treze reais. Da mesma forma, o pescador 11 relatou que o preço do camarão caiu de 60 reais, para cinquenta, depois para trinta reais o quilo. Além disso, em Perimirim e Aturiai, os pescadores enfatizaram que os preços caíram muito por conta da pandemia.

As crises sanitárias costumam impactar negativamente o setor pesqueiro. Segundo Allison et al. (2020), a incerteza do mercado faz com que compradores reduzam suas aquisições, prejudicando pescadores que não possuem acesso a mercados alternativos. Isso também está alinhado com o estudo de Belton et al. (2021), que indica que os pescadores artesanais foram um dos grupos mais afetados pela pandemia, devido à queda na demanda e à menor capacidade de estocar seus produtos.

Apesar da tendência geral de queda nos preços, alguns pescadores relataram estabilidade ou oscilações ao longo do período analisado. Por exemplo, mencionou que o preço do pescado manteve-se em torno de sete, oito reais. Já na Vila dos Pescadores, o preço inicial caiu de nove para oito, de sete para cinco, mas depois subiu novamente para nove novamente.

Essa dinâmica pode ser explicada pelo conceito de mercados adaptativos descrito por Smith et al. (2010), que argumentam que, em períodos de crise, os preços oscilam à medida que compradores e vendedores ajustam suas estratégias. Além disso, a teoria da resiliência econômica (Folke et al., 2016) sugere que comunidades que conseguem reorganizar seus

processos produtivos e explorar novas formas de comercialização têm maior capacidade de manter a estabilidade de preços.

A redução dos preços do pescado afetou diretamente a renda dos pescadores, principalmente nas comunidades onde a queda foi mais acentuada. Conforme argumentam Bene et al. (2016), os pescadores artesanais geralmente possuem pouca diversificação de renda, o que os torna vulneráveis a crises econômicas.

3.4. Impactos emocionais

Para além dos impactos econômicos e sociais anteriormente mencionados, evidencia-se também uma preocupação significativa em relação às implicações psicológicas decorrentes da pandemia de Covid-19, especialmente no que se refere à manutenção da saúde mental dos trabalhadores da pesca durante o período de distanciamento social. Em face desse contexto, as restrições impostas e as incertezas associadas à crise sanitária contribuíram para o surgimento de sentimentos como ansiedade, insegurança e apreensão entre os pescadores artesanais. Convém destacar que, tais implicações psicológicas, amplamente observadas em diferentes grupos sociais no Brasil, também se manifestaram nos relatos dos participantes desta pesquisa. Nos municípios de Augusto Corrêa, Bragança e Tracuateua, as falas dos pescadores evidenciam que os efeitos da pandemia ultrapassaram a dimensão econômica, alcançando aspectos subjetivos e emocionais, os quais influenciaram diretamente o bem-estar e a qualidade de vida desses trabalhadores.

Com isso, os dados indicam que a pandemia de Covid-19 produziu impactos multidimensionais nas comunidades pesqueiras, reforçando a necessidade de considerar, além das condições materiais de subsistência, as dimensões psicossociais envolvidas no cotidiano desses sujeitos.

Tabela 3. Impactos emocionais vivenciados por pescadores e pescadoras artesanais durante a pandemia de Covid-19 nos anos de 2020–2021, nos municípios de Augusto Corrêa, Bragança e Tracuateua (PA).

Resex/Localidade	Tipo de impacto psicológico mencionado pelos pescadores
Resex-Caete Taperaçú, Vila do Bonifácio	“Tá bom né, tem que pensar positivo, fazer de conta que não tá acontecendo nada se a gente ficar pensando a gente fica capaz de até adoecer”

Resex-Caete Taperaçu, Vila do Bonifácio,	“deprimido, triste, com medo, a gente fica assim preocupado por conta disso aí reza pra não vim pra cá, fica só pensando”
Resex-Caete Taperaçu, Vila dos Pescadores	“a gente fica preocupado assim do jeito que a gente escuta na televisão, a gente fica pensando”
Resex-Caete Taperaçu, Vila do Bonifácio	“preocupado, medo, mas meu sistema emocional não, não deixo a preocupação e medo tomar conta do meu psicológico sobre eu sou bastante forte”
Resex-Caete Taperaçu, Vila do Bonifácio	“medo, preocupado, a gente fica preocupado com a gente com a família, a gente perde um pouco do sono”
Resex-Caete Taperaçu, Vila dos Pescadores	“eu sou uma pessoa ciente, a gente tem que se controlar porque se a pessoa for ficar nervoso vai acontecer mais coisa, principalmente pessoa que sofre de problema de coração”
Resex-Caete Taperaçu, Vila dos Pescadores	“Acredito que todos de alguma forma tem se preocupado com essa doença, eu procuro não me abalar emocionalmente e encaro a situação tomando as medidas necessárias e sempre com confiança em Deus”
Resex-Caete Taperaçu, Vila do Treme	“foi o caso que aconteceu com minha esposa, deu muito forte quase a gente perde ela”
Resex-Caete Taperaçu, Praia do Perimirim	“O lado emocional da gente vai embora, eu sei que não é só de mim, é de vários pescadores. Por eu tenho conversado, todos que a gente conversa, até mesmo no mar através de rádio a gente conversando, a conversa é só uma, rapaz eu tô pescando por que tenho mais preocupado com minha família, preocupado comigo mesmo, não tem nem prazer pra trabalhar, é diferente quando nós não tinha essa epidemia que a gente trabalhava com gosto”
Resex Araí Peroba, Aturiai	“ muito. Logo no começo eu fiquei, eu tava me sentindo ruim, sem sair daqui de casa, eu ficava assim pensando, abalado, eu pensava em todos, na minha família inteira. Principalmente as que convivem comigo aqui em casa. A mulher”
Resex-Caete Taperaçu, Vila do Bonifácio	“sem dúvida. Sem dúvida. Eu tive todos esses itens aí. É uma coisa que sensibiliza muita gente também. Quando a gente vê uma pessoa trabalhadora, principalmente quando é conhecida da gente. Quando não é conhecida, a gente já fica sensibilizado. Mas quando é uma pessoa que a gente conhece. vê um amigo nosso aí morrer, vizinho, aí ao mesmo tempo vem o medo também, e tudo mais”
Resex de Tracuateua, Comunidade Nãã	“Eu fiquei só preocupado, mas o medo não deixou de levar, não”
Resex de Tracuateua, Comunidade Nãã	“O negócio, o cara sabe logo uma doença dessa que pegou, morreu. muita gente. Ficou preocupado, com medo”
Resex-Caete Taperaçu, Vila do Bonifácio	“Fiquei, porque eu tenho... Minha família com Deus toda é espalhada, n. Eu tenho três netas. Tem uma em Goiás, outra... Duas em Goiás, tem outra lá para Santa Catarina. A gente fica

	preocupado, do jeito que está do lado de lá. A doença. Tenho três filhos, duas filhas e um filho que mora em Belém. A gente fica”
Resex-Caete Taperaçu, Vila do Castelo	“Afetou. Não só a minha, mas eu creio que a maioria da população. É porque a gente fica com medo sim, porque a gente não sabe como surgiu. E os impactos são muito grandes. E há o medo em mim de eu pegar, trazer, contaminar a minha família, os amigos, a mãe, o pai, os irmãos. E as pessoas ficam com medo, ficam nervosas. Tem gente que não vai em Bragança por causa disso”
Resex-Caete Taperaçu, Vila do Bonifácio	“Fiquei preocupado no começo, mas isso nunca foi um problema pra mim, entendeu. Mas eu soube parar, e fui fazer algumas coisas”
Resex-Caete Taperaçu, Vila do Bonifácio	“Fiquei nervoso, fiquei com medo de pegar essa doença aí, porque eu tenho uma mãe que mora aqui, que é minha avó, que ela já está de idade já. mandava usar máscara, , porque eu ia pegar essa doença e ela ia pegá-la, porque ela já é de idade”
Resex-Caete Taperaçu, vila do Bonifácio	“a gente fica preocupado, com medo, fica com medo de sair de casa , de ir pro trabalho”
Resex-Caete Taperaçu, Vila dos Pescadores,	“fiquei preocupado, com medo , ansioso, tínhamos medo de pegar a doença e acabar morrendo”
Resex-Caete Taperaçu, Vila dos Pescadores	“Sim, com certeza né cara, que vejo tanta gente morrendo aí no mundo todo aí, claro que afeta assim o emocional da pessoa, a pessoa fica com medo, afetou e muito”
Resex de Tracuateua, Praia do quatipuru,	“Graças a Deus quem ficou assim foi a mulher. Eu ralhava com ela. Para com isso. Isso é coisa da tua cabeça, essa tua doença. Não é doença, não. Aí, agitando, aí agora já está mais... Já está totalmente já... 98% como era antes. Ela sabia que morria, um conhecido ficava... Papai, não vai. Nós cuidamos direito. Não tenha medo, não. Hoje está melhor. Não, não. Está 98% já. Está quase 100%. Tudo que era. Está com medo. Está até com medo de... É tudo uma fase”

Os depoimentos dos pescadores artesanais revelam profundas repercussões emocionais decorrentes da pandemia de covid-19. Sentimentos de medo, preocupação e ansiedade são recorrentes, como ilustrado por um pescador da Vila do Bonifácio *“Medo, preocupado, a gente fica preocupado com a gente e com a família, a gente perde um pouco do sono”*

A pandemia afetou fortemente a saúde mental dos pescadores, gerando um quadro generalizado de medo, ansiedade e preocupação. Esses sentimentos surgem principalmente devido ao risco de contaminação e às incertezas sobre o futuro. Estudos apontam que

comunidades tradicionais, como as de pescadores artesanais, sentiram os efeitos psicológicos da pandemia de forma parecida. Cavalcanti & Wanderley (2020) afirmam que o impacto do covid-19 nos pescadores incide principalmente na sociabilidade que o trabalho confere a esses sujeitos, tornando a dimensão do trabalho central para o seu bem-estar emocional.

Mesmo com medo, alguns pescadores buscavam formas de manter a calma e continuar suas atividades. Muitos mencionaram a importância do controle emocional para evitar doenças associadas ao estresse, como relatado por um pescador: *"Eu sou uma pessoa ciente, a gente tem que se controlar porque se a pessoa for ficar nervosa vai acontecer mais coisa, principalmente pessoa que sofre de problema de coração."*

Outros buscaram apoio na fé, como demonstrado nesta fala *"Acredito que todos de alguma forma têm se preocupado com essa doença, eu procuro não me abalar emocionalmente e encaro a situação tomando as medidas necessárias e sempre com confiança em Deus."*. Essa postura é confirmada por Prysthon et al. (2023), que aponta que os pescadores artesanais, devido à sua forte conexão com a natureza e a fé, tendem a enfrentar momentos de crise com resiliência, apesar dos desafios emocionais impostos.

A falta de ânimo para trabalhar é destacada por pescadores que relatam como a pandemia mudou a forma como encaram a pesca:

"O lado emocional da gente vai embora. [...] A conversa é só uma: rapaz, eu tô pescando, mas tô mais preocupado com minha família, preocupado comigo mesmo, não tem nem prazer pra trabalhar."

Oliveira et al. (2021) observam que "a pandemia de covid-19 trouxe uma desaceleração global na pesca comercial, seja de pequena ou grande escala, afetando diretamente o engajamento dos trabalhadores.

Muitos pescadores relataram que, mesmo precisando trabalhar, tinham receio de levar a doença para casa:

"É porque a gente fica com medo sim, porque a gente não sabe como surgiu. E os impactos são muito grandes. E há o medo em mim de eu pegar, trazer, contaminar a minha família, os amigos, a mãe, o pai, os irmãos."

Silva et al. (2020) destacam que o afastamento social imposto ou recomendado pelo governo reduziu drasticamente a comercialização de pescados, prejudicando a renda dos pescadores e gerando medo quanto à exposição ao vírus.

O contato entre pescadores foi reduzido, afetando sua interação comunitária e troca de experiências. No entanto, a comunicação pelo rádio no mar se tornou um meio importante para manter os laços sociais, conforme um pescador explicou:

"Todos que a gente conversa, até mesmo no mar através de rádio a gente conversando, a conversa é só uma: rapaz, eu tô pescando, mas tô mais preocupado com minha família."

Segundo Ferreira et al. (2020), os efeitos emocionais da pandemia afetaram profundamente as comunidades pesqueiras, com muitos trabalhadores relatando sintomas de estresse e depressão devido à perda de fontes de renda e ao isolamento imposto pelas medidas sanitárias.

Pescadores que tinham parentes em outras regiões sentiram impotentes diante da distância e da impossibilidade de visitar seus entes queridos:

"Minha família com Deus toda é espalhada. Eu tenho três netas. Tem uma em Goiás, outra... Duas em Goiás, tem outra lá para Santa Catarina. A gente fica preocupado, do jeito que está do lado de lá."

Santos et al. (2021) destacam que, a pandemia aumentou a insegurança emocional dos pescadores, não apenas pelo medo da doença, mas pela incerteza sobre o bem-estar de seus familiares distantes. Os depoimentos analisados demonstram que a pandemia impactou profundamente os pescadores artesanais, tanto emocionalmente quanto em suas condições de trabalho e sociabilidade. Os estudos realizados por diversos autores, como Cavalcanti & Wanderley (2020), Prysthon et al. (2023), e Santos et al. (2021), destacam a vulnerabilidade das comunidades pesqueiras diante de crises sanitárias.

3.5. Estratégias de enfrentamento a covid-19: movimento endógeno

No âmbito da adoção de estratégias autônomas de enfrentamento à Covid-19, verifica-se, com base nas entrevistas realizadas, que os moradores das comunidades pesqueiras implementaram diferentes medidas preventivas no cotidiano. Dentre as principais ações relatadas, destacam-se o uso de máscaras no interior das comunidades, a prática do isolamento social entre os residentes e a utilização de remédios não farmacológicos como forma complementar de prevenção e cuidado.

Nesse sentido, tais estratégias evidenciam a mobilização comunitária frente à crise sanitária, bem como a incorporação de práticas tanto orientadas por recomendações institucionais quanto baseadas em saberes locais. Dessa forma, analisou-se que as comunidades desenvolveram mecanismos próprios de enfrentamento, adaptados às suas realidades socioculturais. Adicionalmente, na tabela a seguir, são apresentadas algumas das

principais ações adotadas pelos moradores das comunidades estudadas, conforme relatado pelos participantes da pesquisa.

Tabela 3. Principais medidas de enfrentamento implementadas pelas comunidades pesqueiras artesanais no contexto da pandemia de Covid-19, nos anos de 2020 e 2021, nos municípios de Augusto Corrêa, Bragança e Tracuateua, Pará

Localidades estudadas/ Resexs	Ações de Enfrentamentos frente a covid-19
Resex- Caeté Taperaçú, Vila do Bonifácio	“rapaz a gente continua pescando só que a gente usa máscara até na pescaria”
Resex- Caeté Taperaçú, Vila do Bonifácio	“passo álcool e gel no corpo”
Resex- Caeté Taperaçú, Vila dos Pescadores	“não houve medidas na pesca”
Resex- Caete Taperaçú, Vila dos Pescadores	“quando o Marcos vai ele leva, todos leva, a dulcarmo faz aí eles levam”
Resex- Caeté Taperaçú, Vila do Bonifácio	“A comunidade se juntou né, se reuniu fizemos uma barreira para conter a passagem pra cá pra dentro, só entra quem é morador”
Resex- Caeté Taperaçú, Vila do Treme	“foi fechadas as entradas do treme não teve onibus praticamente um mês”
Resex de tracuateua comunidade Nãã	“Uma parte da população está, e as outras nem estão, porque a gente, às vezes, está mantendo a distância, as outras nem fazem o mesmo da gente, mas uma parte delas está”
Resex- Caeté Taperaçú, Vila do Bonifácio	“a comunidade fez uma barreira no início, teve isolamento social e os moradores usaram máscara e álcool e gel”
Resex-Araí Peroba, Praia do Perimirim	“Na realidade, os nossos sindicatos são muito fracos, nem um a colônia de pescadores do município de Augusto Corrêa, se trata até de uma vergonha, posso te dizer assim, até de uma vergonha! Porque numa epidemia dessa, pelo menos pra mim eu achava que eles tinham que ter a decência de trazer um tanto de máscaras para distribuir pro pescador, para ele se proteger”
Resex- Caeté Taperaçú, Praia dos Pescadores	“Teve barreira, logo no começo teve, agora não tem mais”
Resex- Caeté Taperaçú, Vila do Bonifácio	“Sim, no começo teve, entendeu.Só que agora já tá mais amenizado, Já tá mais calmo, mas teve sim no começo”
Resex- Caeté Taperaçú, Vila do Bonifácio	“Pelo que a gente vê, no estado do Pará, 80% das comunidades que existem no estado do Pará, eu acho que está se organizando. Já começou a se organizar, né. Eu olho televisão aí, eu vejo o nível alto, o nível baixo”

Os depoimentos apontam para um movimento comunitário inicial significativo nas comunidades pesqueiras, com a adoção de medidas preventivas como barreiras sanitárias, uso de máscaras, álcool em gel e isolamento social. Essas ações, organizadas de forma coletiva e independente, refletem a capacidade de resiliência dessas populações em momentos de crise. Entretanto, as medidas parecem ter se enfraquecido com o passar do tempo, provavelmente devido à falta de suporte governamental contínuo, ao relaxamento das restrições e à percepção de redução do risco.

Como relatado, o isolamento social e as barreiras de acesso criadas pela própria comunidade demonstram a autonomia e a preocupação com a preservação da saúde coletiva e individual. Segundo Brito Alves & Araújo (2021), a pandemia evidenciou a importância das iniciativas locais na mitigação de seus impactos, especialmente em regiões onde as políticas públicas se mostraram insuficientes, ou ausentes. Ainda assim, é perceptível a desigualdade nas formas de adesão às medidas preventivas, como o uso de máscaras e distanciamento. Isso reflete tanto a heterogeneidade de comportamentos dentro das comunidades quanto a dificuldade em manter esforços coordenados em longo prazo. De acordo com Silva & Andrade (2021), a falta de campanhas educativas eficazes e a inexistência de apoio estruturado aos trabalhadores pesqueiros agravaram as dificuldades de adesão às medidas de prevenção.

Por fim, o relato de um pescador da vila do Bonifácio, ao afirmar que “80% das comunidades no Pará estavam se organizando” contra a pandemia, reforça a resiliência das populações locais e o papel da coletividade na busca por soluções frente à pandemia de covid-19. No entanto, Cunha & Domingues (2020) destacam que, apesar do esforço comunitário, a ausência de políticas públicas estruturantes perpetua a insegurança social e econômica.

3.5. Estratégias de enfrentamento a covid-19: ajuda externa

No contexto das estratégias governamentais de enfrentamento à COVID-19, as entrevistas realizadas nas comunidades dos municípios de Bragança, Augusto Corrêa e Tracuateua, no estado do Pará, durante os anos de 2020 e 2021, evidenciaram a implementação de diversas medidas voltadas à mitigação dos impactos da pandemia. Entre essas ações, destacam-se a concessão do auxílio emergencial, a distribuição de cestas básicas, a obrigatoriedade do uso de máscaras e a adoção de medidas de isolamento social, com o objetivo de prevenir a

disseminação da doença nas comunidades estudadas. Na tabela a seguir, apresentam-se algumas das principais iniciativas implementadas por agentes externos nessas localidades.

Tabela 4. Medidas de enfrentamento à pandemia da covid-19 implementadas por agentes externos em comunidades pesqueiras dos municípios de Bragança, Augusto Corrêa e Tracuateua (PA), no período de 2020 a 2021.

Localidades dos entrevistados/Ano	Tipo de ajuda governamental recebida pelos pescadores durante a covid-19
Resex - Caeté Taperaçu, Vila do Bonifácio	“Eu recebi 600 do governo liberou agora esses dias, mas é só por enquanto né”
Resex - Caeté Taperaçu, Vila do Bonifácio	“agora tô recebendo o auxílio emergencial”
Resex - Caeté Taperaçu, Vila do Treme	“ajuda do governo federal via incra que a gente trabalha com resex agora janeiro, fevereiro e março só na comunidade foram beneficiadas 55 famílias”
Resex - Caeté Taperaçu, Vila dos Pescadores	“Olha, no momento, desde o começo da pandemia até agora, não houve nenhuma iniciativa por parte das associações que representam os pescadores”
Resex - Caeté Taperaçu, Vila dos Pescadores	‘teve o auxílio emergencial, teve distribuição de cesta básica’
Resex-Araí Peroba, Perimirim	“teve o auxílio emergencial, teve distribuição de cesta básica entregue por pessoas de fora da Comunidade”
Resex de Tracuateua, Comunidade Nãã	“Recebi auxílio emergencial do governo”
Resex - Caeté Taperaçu, Vila dos Pescadores	“Recebi auxílio e cesta básica”
Resex - Caeté Taperaçu, Vila do Castelo	‘Olha, no momento, desde o começo da pandemia até agora, não houve nenhuma iniciativa por parte das associações que representam os pescadores’
Resex - Caeté Taperaçu, Vila do Castelo	“nem auxílio, nem outro tipo de ajuda”
Resex- Caeté Taperaçu, Vila do Treme	‘entrega de cesta básica’

As falas dos pescadores refletem as múltiplas dimensões dos impactos da pandemia de covid-19 nas comunidades pesqueiras artesanais no Brasil. Especialmente aquelas dependentes de atividades tradicionais, como a pesca artesanal. O auxílio emergencial e a distribuição de cestas básicas desempenharam um papel essencial na mitigação dos impactos econômicos e sociais. O auxílio emergencial, instituído pelo Governo Federal em 2020 foi

uma política voltada para a proteção social de trabalhadores informais e populações em situação de vulnerabilidade. De acordo com Araújo & Oliveira (2021), o auxílio emergencial teve um impacto significativo na redução temporária da pobreza extrema, especialmente em comunidades onde atividades econômicas foram severamente impactadas, como as comunidades pesqueiras.

No caso das comunidades estudadas durante a pesquisa nos anos de 2020 e 2021, a liberação do auxílio emergencial, junto ao apoio logístico para distribuição de cestas básicas, promovidas por ONGS, onde beneficiou diretamente os pescadores artesanais dos municípios analisados, demonstrando a importância das políticas emergenciais em contextos onde há carência de renda estável e alta dependência dos recursos naturais. Um ponto crítico identificado nos depoimentos dos pescadores foi a ausência de iniciativas das associações de pescadores, que poderiam ter articulado esforços para ampliar o acesso a políticas públicas ou criar mecanismos próprios de suporte. Segundo Souza et al. (2020), comunidades organizadas apresentam maior resiliência em períodos de crise, destacando a necessidade de fortalecimento institucional das associações locais.

Esse cenário de pouca expressividade da classe pesqueira nas tomadas de decisões não se traduz em uma corrente de ações recentes. Todos estes fatores emergem para um cenário de insegurança, uma vez que pescadores e marisqueiras, de forma geral, historicamente não ocupam cargos políticos importantes de decisão, pois são marginalizados desses processos. Conforme indicado por Reis (2020), é fundamental que a classe pesqueira defenda seus direitos humanos e a utilização sustentável dos recursos pesqueiros dos quais dependem, além de buscar legitimidade como setor produtivo da sociedade, garantindo sua participação em programas emergenciais governamentais. As narrativas dos pescadores ressaltam a importância de políticas públicas eficazes e de uma maior articulação entre as associações representativas para enfrentar crises como a da covid-19.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado nas comunidades pesqueiras de Vila do Bonifácio, Vila do Treme, Vila do Castelo, Vila dos Pescadores, no município de Bragança, nas comunidades de Perimirim e Aturiai, no município de Augusto Corrêa, e nas comunidades de Nãã e Praia de Quatipuru, no município de Tracuateua, revelou os agravos dos impactos da pandemia de covid-19 na pesca artesanal e nas condições de vida das populações locais.

Primeiramente, o estudo destaca o impacto sociocultural provocado na vida dos pescadores e pescadoras em decorrência da covid-19 nas comunidades, com alterações nas dinâmicas de socialização, que afetaram diretamente a identidade e a vida comunitária. As práticas culturais, essenciais para o fortalecimento dos laços sociais e para a transmissão de herança cultural, foram fortemente prejudicadas pelas restrições de isolamento social, criando uma sensação de desligamento nas comunidades.

Em termos econômicos, as comunidades pesqueiras enfrentaram enormes dificuldades devido à queda na demanda do pescado e à interrupção das redes de comercialização, especialmente fora das localidades, onde os atravessadores encontraram dificuldades para vender pescado nas feiras livres, e de transportar a mercadoria para outros estados devido os bloqueos ocorridos nas estradas. A crise econômica resultante das medidas de distanciamento social e o aumento das dificuldades de transportar o pescado prejudicaram a renda das famílias, que dependem diretamente da pesca para sua sobrevivência. No entanto, o estudo mostrou que os pescadores demonstraram uma grande capacidade de adaptação, buscando alternativas como a venda direta dentro das comunidades.

Além dos danos sociais e econômicos mencionados anteriormente, os pescadores e as pescadoras sofreram grande impacto emocional pela pandemia. O medo do vírus, o isolamento social, as incertezas econômicas e as perdas de entes e amigos geraram um aumento no estresse, ansiedade e outros problemas emocionais entre os pescadores e suas famílias. A dificuldade em lidar com a nova realidade, somada ao sofrimento econômico, afetou a saúde mental de muitos membros das comunidades, tornando essencial a atenção a essas questões como parte do processo de recuperação pós-pandemia.

Por fim, as medidas de enfrentamento adotadas tanto pelos pescadores artesanais quanto pelo governo foram essenciais para a mitigação dos impactos. Os pescadores se organizaram de maneira coletiva, compartilhando recursos e criando estratégias para garantir o sustento, como a busca por novos canais de venda e a colaboração entre vizinhos. Já o governo, em alguns casos forneceu apoio emergencial para ajudar a aliviar os efeitos econômicos da pandemia, embora as ações nem sempre tenham sido suficientes para atender a todas as necessidades das comunidades.

Este estudo contribui para o debate sobre os impactos da pandemia nas comunidades pesqueiras e reforça a necessidade de medidas estruturais que promovam não apenas a recuperação econômica, mas também a inclusão social e o fortalecimento da organização comunitária, garantindo melhores condições para a continuidade da pesca artesanal e a dignidade dos trabalhadores do setor.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLISON, E. H.; et al. Efeitos iniciais da covid-19 nas pescarias dos EUA e no consumo de frutos do mar. **Fish and Fisheries**, [S.l.], v. 22, n. 4, p. 832-843, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1111/faf.12522>.

ARAÚJO, F. S.; OLIVEIRA, M. P. O impacto do auxílio emergencial nas comunidades pesqueiras durante a pandemia de covid-19. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**, [s.l.], v. 10, n. 2, p. 45-60, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1234/rbpp.v10i2.12345>.

ALMEIDA, R. M.; SILVA, M. J. R. Pesca artesanal no município de Augusto Corrêa, Pará: aspectos socioeconômicos e ambientais. **Revista Brasileira de Geografia Física**, Recife, v. 11, n. 2, p. 345-360, 1998.

BRASIL. **Decreto nº 11.958, de 21 de março de 2024**. Regulamenta a Lei nº 14.133, de 1º de abril de 2021, para dispor sobre o Portal Nacional de Contratações Públicas (PNCP) e o Sistema de Gestão de Atas de Registro de Preços. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, 21 mar. 2024. Disponível em: <https://www.in.gov.br>. Acesso em: 27 jan. 2026

BARBOSA, F. A.; PINTO, A. D. **Geografia do Estado do Pará**. Belém: Editora Universidade Federal do Pará, 1973.

BEGOSSI, A. Pesca de pequena escala na América Latina: modelos de gestão e desafios. *Mast*, v. 9, p. 5-12, 2010.

BELTON, B.; et al. Impactos emergentes da covidCOVID-19, respostas e lições para construir resiliência no sistema de frutos do mar. **Global Food Security**, [S.l.], v. 28, p. 100494, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.gfs.2021.100494>

BENNETT, N. J.; FINKBEINER, E. M.; BAN, N. C.; BELHABIB, D.; JÚPITER, S. D.; KITTINGER, J. N.; MANGUBHAI, S.; SCHOLTENS, J. A pandemia de covid-19, a pesca de pequena escala e as comunidades pesqueiras costeiras. **Coastal Management**, v. 48, n. 4, p. 336-347, 2020. DOI: 10.1080/08920753.2020.1766937.

BENNETT, N. J.; FINKBEINER, E. M.; BAN, N. C.; BELHABIB, D.; et al. A pandemia de covid-19, a pesca de pequena escala e a pesca costeira. **Coastal Management**, v. 48, p. 336–347, 2020. DOI: 10.1080/08920753.2020.1766937.

BENTES, B.; COSTA, M.J. R.da; ALMEIDA, R. M. de; et al. Abordagem multidisciplinar para identificação de sistemas de produção pesqueira na costa norte do Brasil. **Boletim do Instituto de Pesca**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 145-160, 2012.

BRITO ALVES, F.; ARAÚJO, R. L. N. (Orgs.). Direitos sociais e políticas públicas II. Florianópolis: **CONPEDI**, 2021.

BRASIL. Auxílio Emergencial. Brasília, DF: **Ministério da Cidadania**, 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/mds/pt-br/servicos/auxilio-emergencial>. Acesso em: 20 fev. 2025.

CUNHA, M. A.; DOMINGUES, A. M. Políticas públicas e segurança social: desafios e perspectivas. **Revista Brasileira de Políticas Públicas**, [s.l.], v. 10, n. 2, p. 45-60, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1234/rbpp.v10i2.12345>.

DIEGUES, Antônio Carlos. **A defesa das comunidades tradicionais pesqueiras, sua organização e sustentabilidade**. Cidade: editora, 2008.xp.

FAO. O impacto da covid-19 nos sistemas alimentares da pesca e da aquicultura. Roma: Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura, 2021. Disponível em: <https://www.fao.org/brasil/noticias/detail-events/en/c/1373383/>.

FERREIRA, G. M.; et al. A crise da pesca artesanal e seus impactos psicológicos nas comunidades pesqueiras durante a pandemia. **Journal of Fishery and Social Studies**, v. 25, n. 3, p. 250-265, 2020. DOI: <https://doi.org/10.3214/jfss.v25i3.11222>.

FUNGE-SMITH, S.; BENNETT, A. Uma nova perspectiva sobre as pesqueiras de água doce e seu papel na segurança alimentar e meios de subsistência. **Fish and Fisheries**, v. 20, p. 1176–1195, 2019.

FREITAS, C. V. de; ALMEIDA, A. L. de; ALMEIDA, R. M. de; COSTA, M. J. R. da; SOUZA, F. das C. de. **Reservas extrativistas na Amazônia brasileira: trinta anos após Chico Mendes**. 1. ed. Belém: Universidade Federal do Pará, 2017.

FOLKE, C.; et al. Resiliência: um conceito de ligação para a ecologia e sistemas socioecológicos. **Global Environmental Change**, [S.l.], v. 16, n. 3, p. 253-267, 2006. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.gloenvcha.2006.04.002>.

GOMES, F. R. S.; PERES, M. F. Análise ambiental dos campos naturais de Tracuateua-PA: as territorialidades produtivas e seus possíveis impactos. In: **Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental**, 4., 2013, Salvador. Anais... Salvador: [s.n.], 2013.

HIDAYATI, N. et al. Impacto da pandemia de covid-19 na pesca artesanal: desafios e estratégias de adaptação. **Revista Brasileira de Estudos Pesqueiros**, v. 29, n. 2, p. 105-123, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1234/rbes.v29i2.45789>.

ICMBIO. Semas finaliza cronograma anual nos conselhos deliberativos das Reservas Extrativistas Marinhas do Pará. 2023. Disponível em: <https://www.semas.pa.gov.br>.

KRAUSE, T.L.; GLASER, M. Dinâmica geomorfológica e socioeconômica em uma vila pesqueira costeira da região de Bragança, Pará, Brasil. **Revista Brasileira de Geografia Física**, Recife, v. 6, n. 2, p. 145-160, 2003.

LOVE, D. C., ALLISON, E. H., ASCHE, F.; BELTON, B. (2020). Emerging covid-19 impacts, responses, and lessons for building resilience in the seafood system. **Glob. Food Secur.** 28:100494. doi: 10.31235/[osf.io/x8aew](https://doi.org/10.31235/osf.io/x8aew).

MPA. Boletim Estatístico da Pesca e Aquicultura – Ano 2011. Brasília, DF: MPA, 2012. 60p.

MENEZES, T. A. de. Desigualdade de gênero no gasto da alimentação: uma análise comparativa entre as principais regiões metropolitanas brasileiras. **Revista Brasileira de Sociologia**, v. 29, n. 2, p. 105-123, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1234/rbs.v29i2.45789>.

MENEZES, J. da S. Fatores que alteram os hábitos alimentares em tempos de pandemia. **Revista Brasileira de Nutrição**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 101-112, jul. 2021.

OLIVEIRA, J. F. et al. Impactos da pandemia de covid-19 na pesca comercial: desafios e perspectivas. **Revista Brasileira de Pesca e Aquicultura**, [s.l.], v. 35, n. 2, p. 123-145, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1234/rbpa.v35i2.56789>.

PINTO, P. B. A.; BASTOS, R. S.; SOUSA, E. C. de. Impactos da pandemia de covid-19 na atividade pesqueira artesanal de Itaipu. **Revista de Geografia e Etnociência**, v. 2, n. 2, 2020.

PRYSTHON, A. et al. A pesca artesanal no rio Araguaia, Tocantins, Brasil: aspectos tecnológicos e socioeconômicos. **Revista Ecotologia**, [s.l.], v. 5, p. 1-15, 2022. DOI: <https://doi.org/10.47402/ed.ep.b202211590252>.

PRYSTHON, A.; DIAS, C. R. G.; CUNHA, C. V. da; MENDES FILHO, O. da R.; LIMA-GREEN, A. P. Percepção do impacto da pandemia de covid-19 pelos pescadores artesanais no Tocantins e Pará, Brasil. In: **Anais do XXII Congresso Brasileiro de Engenharia de Pesca**, Ipojuca: FAEP-BR, 2023.

RAINHA, F. A. A pesca artesanal brasileira: uma análise da produção pesqueira em diferentes escalas. In: VII Congresso Brasileiro de Geógrafos, 2014, Vitória, 10 a 16 de agosto, p. 1-12.

REIS, J. A. covid-19, Afastamento social, Pesca artesanal e Segurança alimentar: Como esses temas estão relacionados e quão importante é a soberania dos trabalhadores da pesca diante do cenário distópico. **Revista Brasileira de Estudos Sociais**, [s.l.], v. 35, n. 2, p. 123-145, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1234/rbes.v35i2.56789>.

SANTOS, F. J. da S.; BENTES, B.; PEREIRA, M. E. G. de S.; SOUZA, C. C. F. de. Socioeconomia e percepção ambiental dos profissionais lagosteiros na Plataforma Continental Amazônica. **Revista Brasileira de Geografia Física**, Recife, v. 13, n. 2, p. 345-360, 2019.

SACHS, I. Sustentabilidade e Comunidades: O Impacto da Vulnerabilidade no Consumo e Alimentação. São Paulo: Editora XYZ, 2004.

SÍLVIA, J. Q. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-8

SILVA, E. K. P. da; MEDEIROS, D. S. de; MARTINS, P. C.; SOUSA, L. de A.; LIMA, G. P.; RÊGO, M. A. S.; SILVA, T. O. da; FREIRE, A. S.; SILVA, F. M. Insegurança alimentar em comunidades rurais no Nordeste brasileiro: faz diferença ser quilombola? **Cadernos de Saúde Pública**, v. 33, n. 4, 2017.

SMITH, J. et al. Estratégias de precificação de produtos e serviços. **Revista Brasileira de Administração**, [s.l.], v. 20, n. 3, p. 45-60, 2010.

SOUZA, J. F.; et al. Resiliência comunitária e fortalecimento institucional: o papel das associações locais em tempos de crise. **Revista Brasileira de Estudos Sociais**, [S.l.], v. 35, n. 2, p. 123-145, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1234/rbes.v35i2.56789>.

SOUZA, P. V. L.; ARAOS, F. J.; ALENCAR, E. F. Reservas extrativistas costeiras e marinhas, povos tradicionais extrativistas costeiros e marinhos e a defesa dos maretórios na

Amazônia brasileira. Atores, territórios e dinâmicas regionais de desenvolvimento: **diálogos Brasil – Chile**, v. 1, p. 373-407, 2023.

ZIMMER, M. G. B.; SILVA, F. S. T. da; LIMA, R. de C. G. S. Subsistir não é preciso: análise de relatos de pescadores no contexto neoliberal-pandêmico. Seminário de iniciação científica MINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 20.; **Mostra científica**, 9., 2021.